

## FOLCLORE PARA A INFANCIA

Recordando, ha tempos, uns patrióticos versos referentes á terra bandeirante, que me deciflaram, por uma linda noite de luar, nesta paradisíaca hidropole sulmineira (Lambari), poemeto que eu supunha anonimo e oriundo, portanto, da fecunda musa popular — valeu-me isso a gentileza de uma carta da professora d. Mary Buarque, que me honrou, pouco depois, com a oferta da 2.ª ed. de sua bela antologia "Pequenópolis", onde, ás pgs. 27-29, se encontram, acompanhadas da respectiva musica, as seguintes quadrinhas, acrescidas de mais uma, a final, cuja existencia eu ignorava. E' a seguinte, que cumpre ser lida consoante a prosodia meridional (gaúcho-paulista), a fim de que não pareça errado o terceiro verso ("frio", "rio" e "tio", de acordo com tal pronuncia, são monossílabos):

"D' Rio — o samba e a canção;  
da Bahia — o acarajé;  
do Rio Grande — o chimarrão;  
de São Paulo — o bom café!"

A digna filha do exímio educador que se chamou Manuel Clidônio Buarque não estranhará, certamente, incluí-la em a sua bem organizada antologia nos alcandores do folclore destinado á alma infantil. Isto em nada desmerece o seu trabalho. Embora encerre o seu livro, aqui e acolá, algumas produções dos principaes da poesia brasileira, nem por isso deixa ele de ser, sobretudo, uma constante emanção da demopsicologia, tanto nossa, quanto alheia. Andou ela com louvável acerto — numa das mais populosas cidades do mundo hispano-americano e que é uma verdadeira "colluvies géntium" — vernaculizando todas musicais e canções típicas, quer do elemento latino (português, espanhol, italiano), quer do germanico, do eslavo e do xantodermo do Imperio do Sol Nascente. As paginas consagradas a Portugal e á Italia, e nesta principalmente a Nápoles, são sobretudo expressivas no seu sinete folclórico. As cartas da roça e de Nhá Tudinha, o "Desafio sertanejo" e as "Rodas das calpirinhas" justificam sobejamente o "fascio" literariamente mais característico que resume de "Pequenópolis". E, para tornar mais grato á petizada o seu formoso livro, ainda o condimentou com o fino sal que se encontra em "Espírito de Pequenópolis", "Na escola", e "Lição de aritmetica".

Quando teve a feliz ideia de oferecer ás crianças já em idade escolar ramilhetas de versos, quais os de pgs. 51, "Relicarios de quadrilhas de primavera", e de pgs. 60-61, "O mês de Jesus no coração dos poetas brasileiros", aproveitou versos de nossos mais consagrados citaristas, entre os quais Olavo Bilac e Vicente de Carvalho, e isto sem olvidar as flores da sua propria inspição.

Ha outro inesquecível conversado das musas que figura duas vezes em "Pequenópolis": ás pgs. 39-40, em "Martins Fontes brincando de roda com as crianças", e, ás pgs. 41-44, na comvente "Serenata", acompanhada de empolgante musica em estilo antigo.

Eis as duas sextilhas finais do lindo poemeto do immortal lirico santista, ser: duvida o mais perfeito discipulo do cantor da "Via Lactea" e d' "O Caçador de esmeraldas":

"A serenata soluçava, outrora,  
até que a aurora  
despontava, alfim...  
Adormecendo pelo vale, as flores  
dos meus amores  
e do teu jardim..."

Velho São Paulo do romanticismo,  
do misticismo,  
da Saudade Azul!...  
Tua lembrança nos perfuma a vida,  
terra querida  
do País do Sul!"

Alem de se estenderem as serenatas até ao diluculo, eu creio, apoiado numa trova popular, que no interior do nosso país também se fizeram cantatas, á moda provençal, em pleno romper do arrebol. Eis o que li algures, se é que não me trai a minha cansada memoria:

"Tendo Deus pena de mim,  
fez de meu peito um tambor,  
pra eu tocar alvorada  
na porta de meu amor!"

Quando me encantei com a "Mirelo" de Mistral, o que logo e mais facilmente se me fixou nas cerculas cerebrais foi a chamada "Canção de Magali". Em que consiste

ela? E' uma "serenata" (este vocabulo vem de "sereno", que ainda cal ao ralar d' madrugada) matinal, designada por "aubado" no enfeitante país do feibrismo, e o seu começo já a dilucida suficientemente. El-lo, na minha imperfeita tradução:

"O' Magali, ó Magali,  
ó minha doce bem amada!  
Mostra teu rosto feíteiro!  
Escuta um pouco esta alvorada,  
de violão e de pandeiro!"

As estrelas estão do céu fugindo e empalcoando o seu clarão. Avistando-te, agora, o rosto lindo, todas elas, ainda mais, empallidam...

Seresteiro fiel nos despreocupados tempos da minha adolescencia, quando nas povoadas montanhas do meu torrão natal, o plenilunio "imponderalizava" a natureza inteira, descondensava-a em fluido e embebacia em alma" (como li depois nuns versos que só Guerra Junqueiro era capaz de compor), que infundidas saudades as que conservo das queizes tocatas de flauta e violão e daqueles poemetos de Casimiro de Abreu e Fagundes Varela, cujo "Idílio da campina" quase me fazia chorar! Podem caçoar de mim, á vontade, os srs. modernistas, gente que prefere ritmos barbaros (que outro qualificativo poderel dar aos do "jazz-band"?), e celagens repletas de cobras e lagartos. Eu, que trazia o culto da beleza nos refohos de meu coração e nos excelsos sonhos de minha alma, ainda mais compreendo agora uma sintetica e requintada definição que aprendi algures: — "Saudade é a infelicidade da felicidade, como a esperanca é a felicidade da infelicidade..."

Se no livro de d' Mary Buarque ha, crescido numero de paginas em que se ministra á infancia, por meio de bem escandidos versos, o calido sentimento de civismo, outras ha ainda que justificam o havê-lo eu incluído entre os nossos artisticos repositórios de demopsicologia.

Como a talentosa autora de "Pequenópolis" finalizou patrioticamente "A lenda do misotis" (pag. 47), atribuindo as flores da rasteira e linda borraginacea (popularmente conhecida por "não-te-esqueças-de mim") a lagrimas da mãe de Jesus! Ouçam-se-lhe as duas quadras finais:

"Dos olhos azuis da Virgem  
foram gotas pequeninas  
caíndo sobre as florinhas  
tão alvas d' ssas campinas...  
E foi assim que nasceu  
o misotis, flor gentil,  
da cor do olhar de Maria,  
da cor do céu do Brasil!"

Bonito é, não ha duvida, embora falte exactidão á cor dos olhos da genitora do Cristo. Se Rubens cometeu o erro de representar como louro-dolicocefalo o filho de Maria (e esse engano pictórico vingou, mesmo depois da sentença e ainda recente opinião de J. K. Huysmans em favor do "Cristo" de Matias Grunewald), a esposa de São José jamais foi tida senão como morena, de cabelo e olhos negros, á semelhança de todas as portadoras de sangue hebraico. Quer nas artes plasticas, quer em versos — e como são cantantes e expressivos os de João de Deus! — o seu semitismo nunca foi trocado por estranho co-

lorido ariaho.

A's pags. 39-40, numa adaptação epigrafada "Martins Fontes brincando de roda com as crianças", fez a distinta professora um habil resumo de varios brinquedos infantis (pique-será, canivetho de pintalinho, surupango, uma-duas-angolinhas, roda-da-morena e coraonha-do-caminho), tendo por chave-de-ouro a sugestiva quadrinha:

"O anel, que tu me deste,  
era vidr e se quebrou...  
O amor, que tu me tinhas,  
era pouco e se acabou..."

Os dois versos insertos á pag. 40,

"Surupango da vingança,  
toda gente passará!"

deixam logicamente manifesto que o primeiro deles (e isto se infere claramente do segundo) não passa de corruptela do francês (certamente Portugal e da Lusitania para as nossas plagas) "Sous le pont d'Avignon"

Possui d. Mary Buarque não pequena bagagem de literatura infantil (oito são os seus escritos dados á publicidade), um deles "Lunalva", premiado no Rio Grande do Sul, e outro, anterior a "Pequenópolis", em forma de album, com a denominação de "Quem faz anos hoje?", que sei ter agradado imensamente á nossa petizada capaz de apreciá-lo com justiça. Maior ainda é o numero dos seus trabalhos em preparo. Dois deles, pelos titulos e pelo conteúdo anunciado, despertaram desde já a minha ansia de velho e infatigavel cultor da nossa demopsicologia. São os seguintes: "Poetas paulis" e na poesia dos violões" e "Crianças das Americas", também coletanea, mas do folclore do altoado exemplo de Gaston Figuera, preclaro amigo do Brasil, e que depois de haver escrito os formosos versos de "Mi deslumbramento em el Amazonas" (1935), traçou não menos encantadoras rimas "Para los niños de America".

A 2.ª edição de "Pequenópolis", além das illustrações das capas, e de muitas musicas, assinala-se por consideravel numero de retratos (a maior parte em grupo) das gentis pequenas alunas de d' Mary Buarque, a quem, felicitando pela sua bem organizada antologia civico-folclórica, agradeço os momentos de prazer e as indizíveis saudades que ele me proporcionou.

Conta Luis da Camara Cascudo, na terra do gerimum, um jovem e aproveitado discipulo, que é também, como ele, advogado, jornalista e estreneo cultor da demopsicologia. Refiro-me a Verissimo de Melo, um dos mais assíduos e competentes colaboradores da revista "Bardo", editada na Capital nordestina, incansavel autor de opusculos concernentes a diversas feições do nosso populario.

Excetado o pequeno volume "Superstições de São João" (para a elaboração do qual deixou ele, infelizmente, de manusear o exaustivo artigo de Edmund Krug, "Curiosidades da superstição brasileira", inserto ás pags. 223-256 do vol. XXV, 1938, da "Rev. do Inst. Hist. e Geograf. de São Paulo"), os demais ensaios de Verissimo de Melo versam principalmente o folclore infantil, como as "Adivinhas" (1948) e os "Acalantos" (1949). Já publicou, depois desses, as "Parlendas" e "Rondas infantis brasileiras", que ainda não me chegaram ás mãos, pois estou ausente do Rio ha alguns meses, refugiado sob a dogura deste céu de Lambari.

Tive occasião de examinar detenidamente uma coletanea de adivinhas, a mais completa que já vi de lavra brasileira: a devida a um distincto official do nosso Exercito, já então atingido pela compulsoria e que applicou o melhor do seu ólhum cum dignitate áquele esgalho da nossa demopsicologia. Eis, a

proposito disso, o que delzei consignado á pag. 338 da ultima edição de meu volume sobre "O folclore no Brasil": "O general Luis Sombra — formoso espirito ao serviço de generoso coração — havia reunido consideravel material, destinado a uma coletanea das nossas adivinhas, tendo-o eu animado, mais de uma vez, a rematar e publicar o seu paciente e curioso trabalho. Não me consta que o mesmo haja sido impresso. Seria pena que ficasse desaproveitado esse esforço intelectual do illustre e digno filho da terra cearense".

Ao inesquecível amigo devo a fortuna de haver conhecido pessoalmente dois notaveis folcloristas: José Carvalho (cearense que "bebeu açaí", do que resultou tornar-se tabellão em Belem do Pará) e o professor mineiro Manuel Ambrosio de Oliveira, não ha muito falecido em Januaria, onde reside. E, para ser inteiramente fiel nestas minhas recordações, acrescentarei que ainda ha fiquel devendo o valioso presente de uma linda rede de tucum, manufacturada na terra de Alencar e de Iracema.

Alem de um "Prefacio" da lavra de Cascudo e de uma "Introdução" e "Classificação", escritas por Verissimo de Melo, na primeira das quais menciona ele "a serie inedita do general Sombra", reuniu o jovem folclorista norte-riograndense nada menos de 168 adivinhas, explicadas e comentadas quase todas em eruditas notas (pois são estas em numero de 95).

No tocante á adivinha 167, algo tenho que dizer. Explicando-a como referente a "uma cabra que comeu um pé de algodão e depois foi morta pelo homem" (pag. 74), inscreveu-a Verissimo de Melo da maneira seguinte: "Um dia, murupé de quatro pés comeu murupé de um pé. Vêiu murupé de dois pés e matou murupé de quatro pés". O protagonista da adivinha, além de corresponder a "chiripé" em Portugal (conforme A. C. Pires de Lima), ainda passa a "gurupé" na versão parabaiana (coihida por Alcides Bezerra).

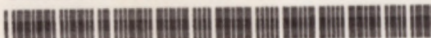
A forma alemã, que decorre ha tempos, quando funcionava melhor a minha memoria, parece-me mais racional e é a seguinte: "Zweibein sass auf Dreibein und ass Einbein. Denn kan Vierbein und wollte Zweibein Einbein wegnehmen. Doch Zweibein nahm Dreibein und chlug Vierbein so lange, bis Vierbein Einbein fallen lies". Equivale em vernaculo ao seguinte: "Duas pernas (um homem) estava sentado em três pernas (numa tripeça) e comia uma perna (de porco ou de galinha, seguramente). Chegou ali quatro pernas (um cachorro) e quis tomar o pernil das mãos de duas pernas. Este, porém, empunhou a tripeça por um dos pés e com ela bateu tanto em quatro pernas, que este deixou cair o já tomado pernil".

O curto ensaio "Acalantos" (edição da revista "Clá") encerra poucas trovas do nosso populario, é verdade que confrontadas com as de outros países. A que me despertou mais interesse foi a natalense, acompanhada da respectiva musica, de pag. 9:

"Carrapato, vai-te embora,  
sa de cima do telhado!  
Deixa o menino dormir  
o seu soninho sossegado!  
O, ô, ô, ô... (bis).

O artigo definido do verso final quebra-o deploravelmente, o que não é comum na musa popular. E, por outro lado, é coisa inconcebível andar no alto das casas qualque especie de carrapatos. O aracnideo acarinó é arborícola, precipitando-se do folhado para agarrar-se á pele do homem e de outros animais.

Verissimo de Melo perilha a expressão "ciclo da angustia infantil" em que Camara Cascudo enfileirou



o "tutu" e outras cucás. Penso que, pela forte significação do termo "angustia", o aludido ciclo só seria aceitável para duendes de alta envergadura imaginária — demônios, leblisomens, quibungos, juruparis — capazes de causar opressivos pesadelos nos credulos espíritos da petizada de berço. Mas aposto que uma criança, conhecedora do traço do bichinho que é o carapato, sorriria ironicamente, quando fosse acalentada com os versos acima transcritos.

Agora tudo isso, acho ainda que as trovas referentes à Sagrada Família (essas, então, de todo estranhas ao tal "ciclo da angustia infantil") deveriam ser retiradas dos vulgares acalantos, para se enquadrarem em antologias à parte, quais as de certos folcloristas argentinos, que estudaram o ciclo popular da Netividade (Navidad) ou em volumes como o do erudito etnólogo e latável mellico lusitano, o meu precioso amigo Fernando de Castro Pires de Lima: "O culto de Nossa Senhora em Portugal". Cabe-me ponderar, em tempo, que estou citando tudo de cor, donde a possibilidade de algum engano, todavia não substancial.

Pelo que já tem publicado, Veríssimo de Melo é, sem dúvida, um dos mais belos talentos patriotas, votados à opima seara da domopsicologia brasileira, mourejada quase sempre por ceifeiros pouco amestrados. Honra-lhe seja!

\*

Não devo cometer a descortesia de por em esquecimento a pouco desenvolvida coletânea "Poemas sertanejos" (impresa na cidade paulista de São Carlos), que me foi gentilmente enviada, com amáveis expressões, no ano passado, por seu operoso autor Aristides de Sânti, de cuja lavra já haviam saído a pu-

blico os "Calçaras" e "Vida de um violeiro".

Esse italo-brasileiro entendeu de fazer-se passar por um caboclo, confessando-se "dicipulo trovador" (pag. 34) de Catulo Cearense, que

era natural do Maranhão. (como o pai, envolvido no triste caso da Mãria da Conceição, vítima do ciumento truculento do celebre desembargador Pontes Visguelro), e o "sertão" que ele conhecia era o bairro da Piedade, onde morava na capital brasileira. Citarista inculto, mas de alcançadora fantasia — como o demonstram as suas imagens da "viola de penas" (o sabiá) e da "chifrada dos óio de uma muié" — nada mais foi, entretanto, do que um "pastiche" de poeta sertanejo. E é isso igualmente o que eu penso do sr. Aristides de Sânti, inferior ao falecido mestre no arrojo da inspiração.

Vê-se que o rimador dos "Poemas sertanejos" metrificava com facilidade e com o linguajar capira da terra bandeirante, pois se adstringe à prosódia paulista, como se infere do verso da pag. 34 (a qual manusearia, se se lesse "Rio" dissilabicamente):

"O nosso Rio de Janeiro".

De toda a sua coletânea de rimas, que estou ligeiramente apreciando, o poemeto que mais me agradou é o intitulado "Sabiá-laranjêra" (pag. 3-4), em cinco oitavas heptassilábicas, cuja primeira relembra o estilo catuliano:

"Meu sabiá-laranjêra,  
que canta no meu quintá,  
seu canto dexa sodade,  
que eu num posso suportá,  
sodade da moreninha  
que foi pra otro lugá,  
me dexando aqui sozinha  
co'a viola e o meu luá"

Latagão ario-latino e cidadão de gravata lavada (demonstra o seu retrato, constante da obrinha atual), parece-me que o sr. Aristides de Sânti nunca se perdeu pelos cafundós e bibocas do nosso imenso hinterland, transmutando-se, contudo, em caboclo-sertanejo e em violeiro apaixonado por simples esnobismo.

Que lhe valha, porém, a boa vontade de poetar folcloricamente, e qual já deve ter-se-lhe entranhado no espírito, como uma psicose sulgeneris, literariamente patriótica...